

Redução da atividade econômica é uma perspectiva de curto prazo

por Vera Saavedra Durdó
do Rio

Uma recessão "light", com redução gradual da atividade econômica, pouco desemprego e consequente queda da inflação. Este seria o cenário ideal para evitar choques — tanto de ordem econômica quanto social — no decorrer dos primeiros tempos do governo Collor, avalia o diretor-presidente da Rio de Janeiro Refrescos S.A., Antonio Carlos Vidigal, ao projetar o futuro.

Na análise do professor de Economia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ), Gustavo Franco, porém, a receita para pôr fim à hiperinflação atual "é uma recessão forte e de curta duração".

Na verdade, a desaceleração da atividade econômica é uma perspectiva de curto prazo presente nos diversos cenários elaborados por consultorias e economistas "free-lancers", por encomenda de empresas preocupadas com as mudanças a serem adotadas pelo novo governo.

A Macroanálise, do economista e ex-diretor do Banco Central, Alberto Sozin Furuguem, prestadora de serviços da Associação Brasileira de Supermercados (Abras), por exemplo, trabalha com projeções de uma taxa de crescimento negativo para o produto interno bruto (PIB) neste ano, fruto de uma performance também negativa da atividade industrial e um baixo desempenho do comércio, pelo menos nos oito primeiros meses da nova administração.

Furuguem não tem dúvida de que o processo de de-



Gustavo Franco

saquecimento já está em curso, decorrente da disparada dos índices de inflação, com consequente queda do poder aquisitivo da população e agravado pelas altas taxas de juros do "over".

Na sua análise de curto prazo para os supermercados, o economista considera assegurada uma "transição sem traumas" em função da saída dada pela poupança, que canalizou grande parte dos recursos foragidos do over. Também avaliou que os "vazamentos" de informação de fontes do futuro governo afastando um "calote" da dívida interna e um "congelamento" de preços contribuíram para acalmar os mercados. Considera, no entanto, irreversível a tendência de queda das vendas, como foi detectado em janeiro.

No cenário do governo Collor, da Macroanálise, a recessão é prevista no contexto de um programa antiinflacionário "duro" como já anunciou o presiden-

te eleito. "Nos primeiros oito meses do novo governo deverá ocorrer um desaquecimento forte da dívida industrial e do comércio, mas os juros deverão ser mantidos altos", projeta Furuguem, para quem isto é fundamental para se ter controle dos gastos públicos.

Apesar de não prever alteração na política salarial antes da queda da inflação, "conforme promessa do futuro ministro do Trabalho, Rogério Magri", o economista da Macroanálise não considera a possibilidade de um aquecimento brusco da demanda, mesmo que a redução do custo de vida ajude a repor um pouco as recentes perdas salariais. A Macroanálise não descarta totalmente uma medida do tipo "congelamento de preços", mas acha que se ocorrer comprometerá definitivamente a credibilidade do governo eleito, como ocorreu na Argentina.

Gustavo Franco, da PUC-RJ, é também contrário ao congelamento, mas lembra que as recentes experiências heterodoxas adotadas no País não contemplaram binômio "congelamento com recessão". Na visão de Franco, o momento atual é bastante desfavorável a um congelamento devido ao nível de dispersão dos preços, nos quais está embutida a "marcação preventiva".

O economista da PUC-RJ alerta para o fato de que "enquanto os preços industriais estão hoje errados para cima, os salários estão para baixo". "A única maneira de se reduzir esta disparidade antes de se congelar é diminuir a periodicidade dos reajustes

salariais de imediato. Mas não dá para se ter medidas preparatórias ao congelamento", considera Franco.

O economista Furuguem chama a atenção para a consequência mais imediata de uma recessão a curto prazo: o aumento do desemprego. Ele destaca que as empresas já começaram a demitir, principalmente no âmbito do comércio. O professor e economista Antonio de Barros Castro acha que a aceleração do desemprego virá, mas como consequência de outra medida de Collor: a anunciada liberação da economia.

Na análise de Castro, "as empresas, se preparando para competir em função da liberação das importações e do fim das reservas de mercado, vão adotar um regime de emagrecimento, simplificando suas funções e priorizando apenas as funções centrais. É a adaptação à pressão competitiva. Isto vai desempregar muito, notadamente a mão-de-obra de menor qualificação", adverte o economista da UFRJ.

Esta projeção de Castro não está longe de ser cumprida. Empresas de grande porte, como o grupo Sharp, estão se reprogramando dentro de um cenário que engloba recessão e liberação da economia a curto prazo. Neste contexto, considerado complexo por fontes do setor empresarial, a orientação é enxugar o pessoal de baixa qualificação e manter estimulada a mão-de-obra mais qualificada. Com este novo perfil em seu gerenciamento de recursos humanos, as empresas esperam poder enfrentar os novos tempos.